

A dramaturgia irlandesa no teatro português

Entre renovações e actualizações

Paulo Eduardo Carvalho

Após fotografos da cena (João Tuna, Susana Paiva), companhias de mais longa história (O Bando e o Teatro Experimental de Cascais), dramaturgos (Samuel Beckett e Fiama Hasse Pais Brandão), encenadores (Rogério de Carvalho) e festivais de teatro (o Festival Internacional de Teatro de Almada), o Portefólio deste 9.º número da *Sinais de cena* recolhe alguns registos visuais da presença da dramaturgia irlandesa em Portugal. Embora o período da história do nosso teatro aqui contemplado ultrapasse em pouco os 50 anos – *Cavalgada para o mar*, de J. M. Synge, pelo Teatro Universitário do Porto (TUP), foi levada à cena em 1956, enquanto *Acamarrados*, de Enda Walsh, pelos Artistas Unidos, data de 2008 –, a realidade dramática original que justifica e confere unidade a este Portefólio estende-se por pouco mais de 100 anos: *Riders to the Sea* estreou no ano da fundação do Abbey Theatre, 1904, no contexto de um movimento cultural e literário mais vasto que explorava novas identidades e modelos de representação para uma Irlanda que, menos de duas décadas mais tarde, conquistaria a independência política; *Lyndie tem uma arma*, a breve peça que Enda Walsh escreveu para um espectáculo dos Artistas Unidos em homenagem a Harold Pinter, *Conferência de imprensa e outras aldrabices*, é de 2005.

Tal como Chris Morash tornou claro num trabalho recente (2002), a história do teatro irlandês é muito mais antiga e desde há muito que se reconhece o modo como, desde o século XVII, a Irlanda foi alimentando – alguns diriam mesmo assegurando – a sobrevivência da criação dramática inglesa, através das contribuições de dramaturgos nascidos na Irlanda, mas que desenvolveriam a quase totalidade das suas carreiras nos palcos londrinos: uma tradição que culminaria, em finais do século XIX, com Oscar Wilde e George Bernard Shaw, mas conheceria ainda alguns prolongamentos no século seguinte, não só com Shaw, mas também com o exílio de Sean O'Casey em Inglaterra, a partir de 1928, e o sucesso inglês de Brendan Behan, na segunda metade dos anos cinquenta. Ficariam célebres as palavras do crítico de teatro Kenneth Tynan, ao declarar numa recensão a *The Quare Fellow* (1956, *O condenado*), de Behan: "É dever sagrado da Irlanda enviar-nos, de tempos a tempos, um dramaturgo para salvar o teatro inglês de uma soturnidade inexpressiva" (Tynan 2007: 114). Por razões diversas, exclui-se desta

recolha o teatro de Wilde, de Shaw e de Samuel Beckett, este último amplamente documentado em números anteriores da *Sinais de cena*.

Mas é à "ambição elevada" dos fundadores do Abbey que a Irlanda e o mundo ficam a dever o desenvolvimento de uma dramaturgia singularmente rica e variada, que durante os referidos mais de 100 anos tem mostrado conseguir equilibrar uma recorrente atenção às mutações do real com um raro sentido de experimentação formal, produzindo textos cuja qualidade literária surge habitualmente a par de um extraordinário fôlego teatral¹. Não obstante a existência de alguns sinais de atenção e esforços de divulgação pioneiros, o teatro português – condicionado por constrangimentos políticos, sociais e culturais herdados do século XIX, mas que se arrastariam com oscilante severidade até 1974 – só tardiamente descobre esta dramaturgia: quase em simultâneo, entre finais dos anos cinquenta e inícios dos anos sessenta, no Porto, o TUP produz *Cavalgada para o mar*, em 1956 (também realizada pela RTP, em 1957), o Teatro Experimental do Porto, *O valentão do mundo ocidental*, em 1957, e, já em 1963, *A sombra da ravina*, três peças de Synge; entretanto, agrupamentos amadores revelavam a menos afortunada dramaturgia de W. B. Yeats, com *Cathleen ni Houlihan*, em 1959, na Marinha Grande, e *A terra que o coração deseja*, pelo Cénico de Direito, em 1961. Revelado por Mário Vilaça, nas páginas da *Vértice*, desde 1951, o teatro popular e político de Sean O'Casey será objecto, entre nós, de um controlo rigoroso pela censura até inícios dos anos setenta, desse modo, adiando a figuração efectiva das suas ficções dramáticas nos palcos portugueses.

Organizado por dramaturgos, este Portefólio consagra as suas primeiras páginas, justamente, a Synge e O'Casey. Um mais amplo espaço é consagrado a Brian Friel, sem dúvida o dramaturgo irlandês mais representado entre nós, a partir de *Amantes e triunfantes*, em finais de 1970, e talvez o caso mais exemplar de uma dramaturgia que combina ambição interpeladora e pesquisa formal, com resultados quase sempre intelectual e emocionalmente perturbadores. Como as legendas tornam claro, seguem-se fotografias de encenações portuguesas de textos de Frank McGuinness, Jennifer Johnston, Marie Jones, e da mais jovem geração de dramaturgos irlandeses, alguns

¹ Para um comentário mais desenvolvido sobre a importância e significado histórico daquele Teatro Nacional Irlandês, veja-se "Ambições elevadas: Nos cem anos do Abbey Theatre", *Sinais de cena*, n.º 3, Junho de 2005, pp. 69-72.

dos quais se têm mostrado objecto de uma excepcional atenção por parte das nossas companhias e criadores: Conor McPherson, Martin McDonagh, Mark O'Rowe e Enda Walsh.

Se num determinado momento, sobretudo antes de 1974, a presença da dramaturgia irlandesa entre nós parece ter participado de um esforço mais alargado de renovação dos nossos repertórios e, paralelamente, de novas práticas e modelos de representação, em anos mais recentes, tal presença evidencia uma saudável capacidade de actualização dos nossos agentes teatrais relativamente aos repertórios nossos contemporâneos. Este portefólio tenta, assim, dar conta e, ao mesmo tempo, homenagear

a diversidade de companhias portuguesas e de tradutores, encenadores, actores e outros criadores que, em Portugal, têm estado envolvidos na (re)figuração cénica de uma dramaturgia que se tem mostrado regularmente capaz de renovar uma tradição internacionalmente reconhecida.

Referências bibliográficas

- MORASH, Chris (2002), *A History of Irish Theatre 1601-2000*, Cambridge, C.U.P.
- TYNAN, Kenneth (2007), *Theatre Writings*, selected and edited by Dominic Shellard, London, Nick Hern Books.

Legendas das fotografias

John Millington Synge

- 1 > *Cavalgada para o mar*, enc. Correia Alves, TUP, 1956.
- 2 > *Cavalgada para o mar*, realização Artur Ramos, RTP, 1957 (Aura Abranches, Fernanda Montemor e Lurdes Norberto).
- 3|4 > *O valentão do mundo ocidental*, enc. António Pedro, TEP, 1957 (Cândida Maria, Inês Palma, Fernanda Gonçalves e Baptista Fernandes) | (Egito Gonçalves, Baptista Fernandes, João Guedes, José Pina, Dalila Rocha, Vasco de Lima Couto), fot. TEP.
- 5|6 > *O valentão do mundo ocidental*, enc. Rui Mendes, Teatro da Malaposta, 1994 (José Eduardo e Mário Jacques) | (José Eduardo, Jorge Silva, José Airosa e Mário Jacques).
- 7 > *O valentão do mundo ocidental*, enc. José Russo, Centro Dramático de Évora, 2007 (Ana Leitão, Nelson Boggio, Ana Meira e Elsa Oliveira).
- 8 > *A sombra da ravina*, enc. Dalila Rocha, TEP, 1963 (Dalila Rocha, Mário Jacques), fot. TEP.

Sean O'Casey

- 9 > *A sombra de um franco-atirador*, enc. colectiva, Teatro Laboratório de Lisboa – Os Bonecreiros, 1976.
- 10 > *Na hora de ir para a cama*, enc. José Peixoto, Teatro da Malaposta, 1998 (Teresa Amaro e Jorge Silva).
- 11 > *O fim do princípio*, enc. Fernando Mora Ramos, Teatro da Rainha, 2004 (Vitor Santos e José Carlos Faria), fot. Margarida Araújo.
- 12 > *A charrua e as estrelas*, enc. Bernard Sobel, Companhia de Teatro de Almada / Teatro dos Aloés, 2007 (Bruno Martins, Tiago Barbosa e Alberto Quaresma), fot. Rodrigo Peixoto.

Brian Friel

- 13|14 > *Amantes e triunfantes*, enc. Orlando Vitorino, Teatro D'Arte de Lisboa, 1970 (Ivone de Moura e Antonino Solmer).

- 15|16 > *Traduções*, enc. Antonino Solmer, Teatro da Malaposta, 1996 (Elsa Valentim, Inês Nogueira, Rita Loureiro, Luís Alberto, Alfredo Brito e Jorge Estreia) | (Alfredo Brito e Elsa Valentim).
- 17 > *Molly Sweeney*, enc. Nuno Carinhas, Ensemble – Sociedade de Actores, 1999 (Emília Silvestre), fot. João Tuna.
- 18|19 > *O fantástico Francis Hardy, curandeiro*, enc. Nuno Carinhas, ASSÉDIO, 2000 (João Cardoso) | (Rosa Quiroga), fot. Henrique Delgado.
- 20 > *O fantástico Francis Hardy, curandeiro*, enc. José Peixoto, Teatro dos Aloés, 2002 (Jorge Silva).

Frank McGuinness

- 21 > *Alguém olhará por mim*, enc. João Lourenço, Novo Grupo – Teatro Aberto, 1994 (Orlando Sérgio, Diogo Infante e João Perry).
- 22 > *Dama d'água*, enc. Nuno Carinhas, Ensemble – Sociedade de Actores, 2001 (Emília Silvestre), fot. João Nunes.

Jennifer Johnston

- 23|24 > *Billy e Christine*, enc. João Cardoso e Rosa Quiroga, ASSÉDIO, 2004 (Rosa Quiroga) | (João Cardoso), fot. Ana Pereira.

Marie Jones

- 25 > *Uma noite em Novembro*, dir. João Pedro Vaz, ASSÉDIO, 2003 (João Cardoso), fot. Ana Pereira.
- 26|27 > *Pedras nos bolsos*, enc. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 2003 (Luiz Rizo e Sérgio Silva), fot. Maria Luisa Gomes.

Conor McPherson

- 28 > *Água salgada*, enc. João Lourenço, Novo Grupo – Teatro Aberto, 1997 (Paulo Oom, Tobias Monteiro e José Jorge Duarte).

- 29 > *Lucefécit*, enc. João Lourenço, Novo Grupo – Teatro Aberto, 2000 (Luís Alberto, José Boavida, António Cordeiro, Francisco Pestana e Catarina Furtado), fot. João Lourenço.
- 30|31 > *Rum e vodka*, dir. Rosa Quiroga, ASSÉDIO, 2003 (Paulo Freixinho), fot. Ana Pereira.
- 32 > *Luz na cidade*, enc. João Lourenço, Novo Grupo – Teatro Aberto, 2005 (São José Correia e Marco Delgado), fot. João Lourenço.

Martin McDonagh

- 33|34 > *O aleijadinho do corvo*, enc. António Feio, Visões Úteis, 1997 (Pedro Carreira) | (Carlos Costa e Alexandra Lobato), fot. Limamil.
- 35 > *The Pillowman: O homem almofada*, enc. Tiago Guedes, Teatro Municipal Maria Matos, 2006 (Gonçalo Waddington, Albano Jerónimo e João Pedro Vaz), fot. José Frade.

Mark O'Rowe

- 36|37 > *Agá o Piolha*, enc. António Simão, 2000 (António Simão), fot. Jorge Gonçalves.
- 38|39 > *Ossário*, enc. João Cardoso, ASSÉDIO, 2005 (Alexandra Gabriel) | (Isabel Queirós), fot. Ana Pereira.
- 40 > *Made in China*, enc. António Simão, 2002 (Pedro Carraça e António Simão), fot. Jorge Gonçalves.

Enda Walsh

- 41|42 > *Lyndie tem uma arma*, in *Conferência de imprensa*, enc. Jorge Silva Melo, Artistas Unidos, 2005 (Gonçalo Waddington e Joana Bárcia), fot. Jorge Gonçalves.
- 43|44 > *Disco Pigs*, enc. Franzisca Aarflot, Artistas Unidos, 2007 (Cecilia Henriques e Pedro Carraca), fot. Jorge Gonçalves.
- 45|46 > *Acamarados*, Artistas Unidos, 2008 (António Simão e Carla Galvão) | (Carla Galvão), fot. Jorge Andrade.

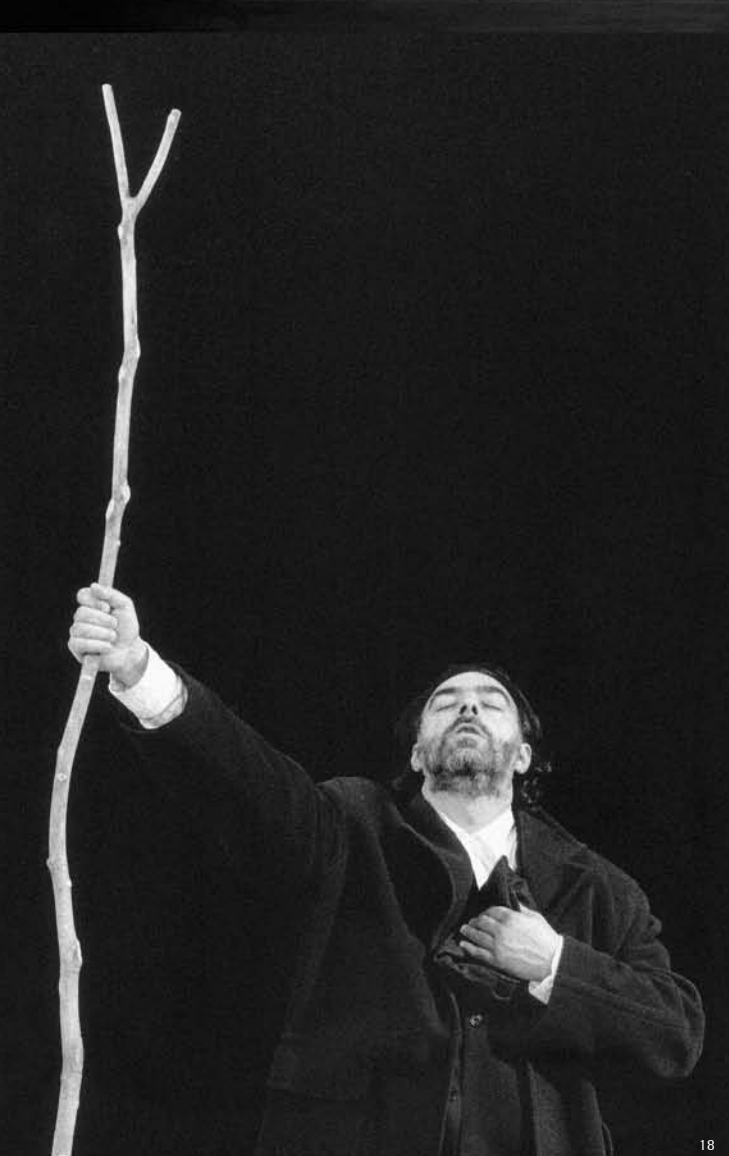




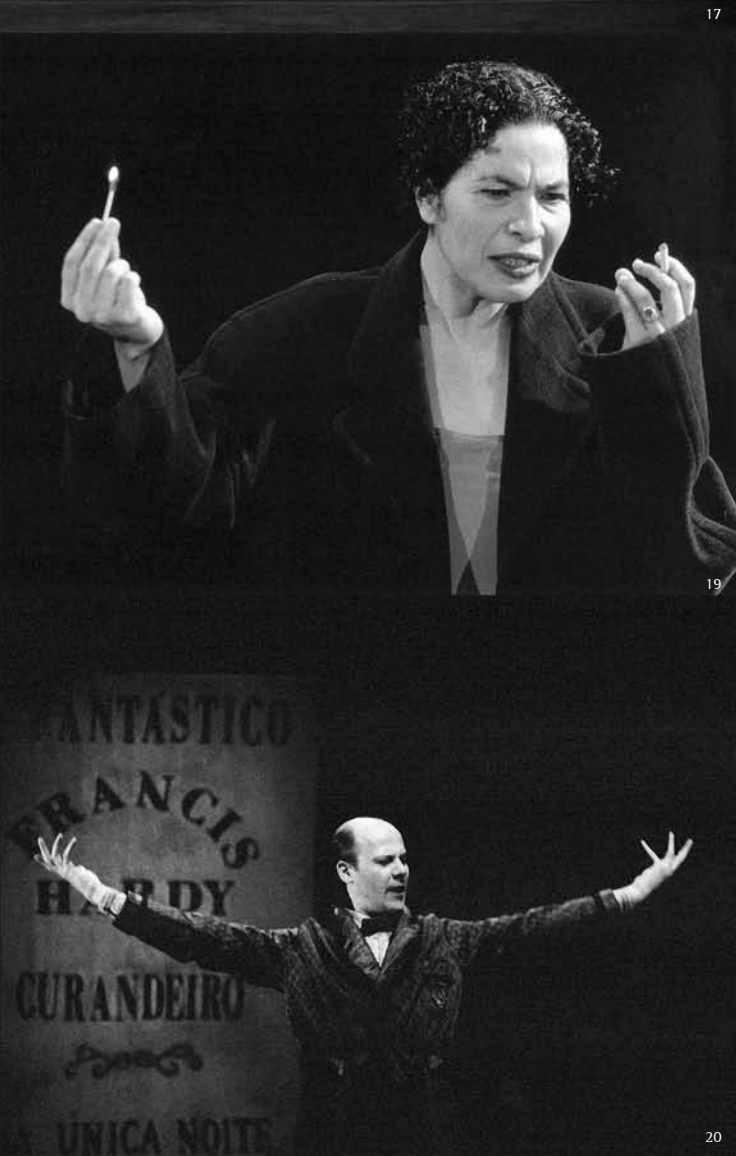




17



18



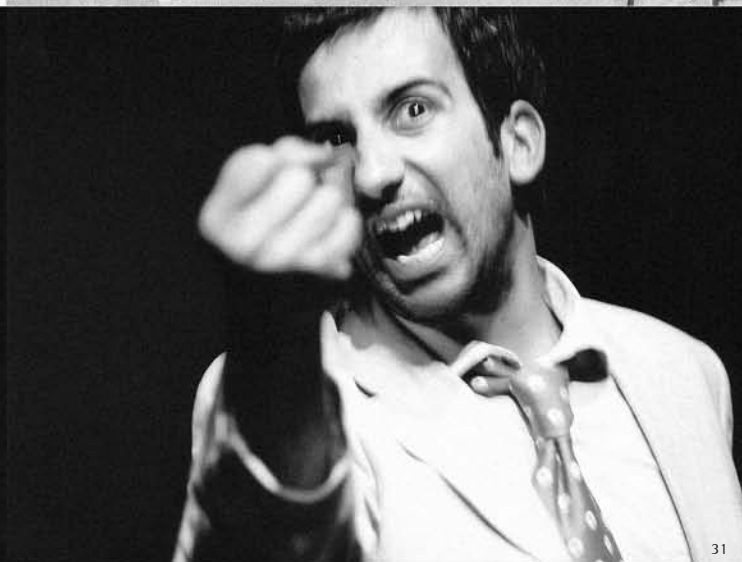
19



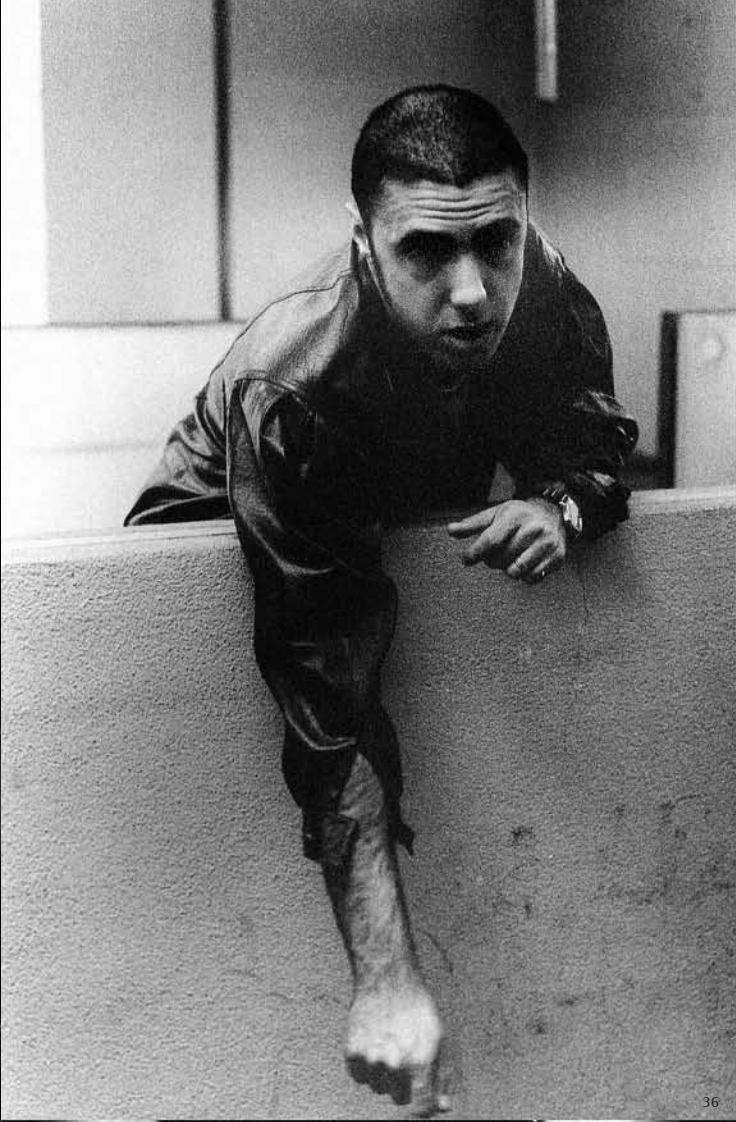
20













41



42



43



45



44



46